

Cercada de guseiras, Piquiá não tem opções de trabalho

Categories : [Reportagens](#)

Enviada especial a Açaílândia, Maranhão – “Morar em Piquiá de Baixo é tipo um tormento, não tem sossego. Vim morar aqui por causa do emprego que é mais perto”, relata o paraense Juedi Pereira Elias. O jovem trabalha como operador de pá-carregadeira e maneja máquinas e tratores que alimentam de carvão o alto-forno para a produção de ferro gusa.

Ele tem 28 anos e é de Paragominas no Pará, mas mora no Maranhão desde os nove, quando começou a trabalhar numa carvoaria ajudando o padrasto no serviço. O mais velho de oito irmãos estudou até a quinta série e abandonou a escola para trabalhar. Juedi é exemplo de muitos que migram de sua terra natal em busca de emprego em outro estado. Tendo passado por inúmeros serviços e condições de trabalho degradantes, o rapaz se diz consciente de sua condição, mas acredita não ter outra opção de serviço.

Dura vida nas carvoarias

O [relatório do Greenpeace “Carvoaria Amazônia”](#), publicado em maio de 2012 pouco antes da Rio+20, já advertia para a dura realidade das carvoarias locais. “Os trabalhadores, que com frequência acabam morando na própria carvoaria e abastecem os fornos e acendem o fogo para queimar a madeira por até sete dias, transformando-a em carvão. Em seguida, o carvão é levado em caminhões e distribuído pelos mais de 40 altos-fornos das guseiras da região (de Carajás – que engloba partes do Pará, do Maranhão e do Tocantins), servindo para converter o minério de ferro bruto em ferro gusa”.